



MUNICÍPIO DA ESTÂNCIA BALNEÁRIA DE PRAIA GRANDE

Estado de São Paulo
SEDUC - Secretaria de Educação

SEMANAS 27 e 28

SALA DE AULA



Disciplina: Arte

8º ano do Ensino Fundamental

O MERCADO DA ARTE

Considerando que um mercado depende de um produtor, um produto a ser trocado ou vendido e um consumidor interessado em adquirir ou usufruir tal produto, conclui-se que o mercado de arte é tão remoto quanto a própria arte. Mesmo antes do estabelecimento da noção moderna e liberal de mercado, guiado pelas leis da oferta e da procura, e no qual homens livres trocam espontaneamente seus produtos ou mercadorias na esfera pública, o artista já possui um público consumidor para seu trabalho. Na Grécia a Cidade-Estado monopoliza a demanda de obras de arte; na Roma de Augusto tanto a corte quanto particulares exercem o mecenato em ampla escala. A Igreja domina quase totalmente as encomendas na Idade Média e permanece como um dos mais importantes financiadores de obras de arte pelo menos até o século XVII (no Brasil, até o final do século XVIII).

Nota-se uma pequena mudança no quadro na Idade Média Tardia, em que a maioria das encomendas para obras de arte é feita por indivíduos pertencentes à próspera classe média. A Igreja não constitui mais o único encomendante dos arquitetos e artistas; agora, com o desenvolvimento das cidades, muitos edifícios precisam ser projetados e decorados para os integrantes das cortes, governantes e mercadores em ascensão. O pleno desenvolvimento dessa situação se dá durante o Renascimento. Amplia-se o mercado secular para obras de arte. Os lares dos ricos cidadãos, assim como os castelos e palácios da nobreza passam a ser decorados com pinturas e esculturas. Presencia-se nesse período uma outra mudança fundamental para a história do mercado de arte: começa a surgir o tipo moderno de consumidor de arte, o *connoisseur* ou colecionador, que diferentemente do antigo encomendante, compra ou não o que lhe é oferecido. Consequentemente, o artista passa a trabalhar de forma mais independente tanto da clientela quanto das guildas.

Durante o período Barroco, ao lado do mecenato eclesiástico, com forte presença na Itália, a monarquia absolutista na França torna-se promotora e consumidora de obras de arte, inaugurando um modo de produção estatal inédito até então. O governo pretende dissolver as relações pessoais entre o artista e o público e fazê-los diretamente dependentes do Estado. Para isso, é fundada, no século XVII, a Academia Real de Belas-Artes, instituição de ensino que garante o aprendizado, a circulação das obras e principalmente, a hegemonia dos estilos pré-determinados. A experiência francesa tenderá a ser seguida por outros países.

É na Holanda protestante que vemos nascer o comércio de obras de arte com feição semelhante ao de hoje. Naquele país, por uma série de injunções sociais, a burguesia encontra-se no centro do poder. A abundância de capital da qual essa classe goza, permite que invista em artigos de mobiliário e decoração, principalmente quadros. Mesmo as pessoas de outras classes podem participar desse tipo de consumo. Os artistas vendiam seus trabalhos diretamente em feiras, em geral por um preço menor do que de um boi, ou através de marchands. Apesar do alto grau de autonomia conquistado pelo mercado de arte, ocorre pela primeira vez na história da arte ocidental uma verdadeira crise por causa do excedente de artistas e da superprodução.

O *boom* desse mercado livre, que não é regulamentado nem pela corte nem pelo Estado, leva a uma situação de feroz concorrência, da qual são vítimas os talentos mais singulares do período. Se por um lado os artistas ganham em liberdade nessa nova ordem liberal, a concorrência no domínio da arte leva a uma situação de segurança. Os motivos

pelos quais um artista é bem-sucedido dependem em menor grau de sua qualidade, e vão da mera especulação de mercado às mudanças de direção no gosto do público. Rembrandt (1606 - 1669) não seria o único a sofrer as consequências dessa nova ordem ainda no século XVII. A relação conflituosa entre o artista e o mercado alcança um novo patamar no século XIX, quando o capitalismo se institui como sistema econômico dominante e a burguesia se encontra finalmente no poder. Muitas vezes o valor artístico de uma obra não corresponde a seu valor de mercado, o que gera uma série de "confusões" no decorrer da história. Notável é o caso dos pintores impressionistas: firmemente negligenciados por seus contemporâneos abastados, durante todo século XX foram alvo de grandes especulações do mercado de arte.

Em termos gerais, a estrutura liberal domina o mercado artístico até nossos dias: o artista agora é um profissional livre portador de uma mercadoria e precisa, como todos os outros profissionais liberais, do mercado para sobreviver.

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3803/mercado-de-arte>

Veja mais em:

O mercado de arte no Brasil
<https://www.youtube.com/watch?v=Pb10k7ZC5vI>



1) Transcreva o trecho do texto que justifica a afirmativa “o mercado de arte é tão remoto quanto a própria arte.”

2) A atividade 19 apresentou os 11 tipos de arte existentes atualmente, Música, Dança/Coreografia, Pintura, Escultura, Teatro, Literatura, Cinema, Fotografia, Histórias em quadrinhos, Jogos de computador e de vídeo e Arte digital.

A) Se você fosse produtor de arte, qual ou quais tipos de arte mais lhe agrada?

B) E como consumidor? Quais tipos de arte são apreciados por você?
